

Leitura de Kafka por Hannah Arendt mostra que bons escritores são aqueles com que sentimos necessidade de diálogo

[Juliana de Albuquerque](#)

Escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv. Filosofia e literatura conversam quando arte narrativa ajuda autores a expor ideias

Folha de S. Paulo, 26.jul.2022

• • São muitos os pensadores do século 20 —a exemplo de Jean-Paul Sartre, [Simone de Beauvoir](#), Albert Camus, Iris Murdoch, Martin Heidegger, Walter Kaufmann, Stanley Cavell e Martha Nussbaum— cujas obras, de alguma maneira, operam um diálogo entre a filosofia e a literatura.

Para mim, no entanto, ainda que essa lista seja composta por verdadeiros gigantes, uma das filósofas que melhor soube conversar com a literatura foi [Hannah Arendt](#).

Arendt escreveu com propriedade sobre vários dos seus autores prediletos, como [o poeta e dramaturgo Bertolt Brecht](#) e a romancista Isak Dinesen —pseudônimo de Karen Blixen—, desenvolvendo textos de estilo marcadamente ensaístico, ou seja, remissivo ao diálogo dela consigo mesma; esforçando-se em destacar o importante papel que a arte narrativa desempenha na exposição das nossas ideias, como se quisesse nos chamar a atenção para o fato de que, para compreendermos o mundo, precisamos saber contar histórias.

Arendt também esteve envolvida em [outras atividades relacionadas ao universo da literatura](#). Assim, no pós-guerra, ela, que havia deixado a Europa como refugiada, voltou diversas vezes ao continente para recuperar tesouros culturais judaicos em países ocupados pelas forças do Eixo. E, entre esses tesouros —como registra Samantha Rose Hill, biógrafa de Arendt— estavam cerca de 1,5 milhões de livros e mil rolos de Torá.

Além disto, durante os seus primeiros anos nos Estados Unidos, Arendt trabalhou para a editora Schocken Books, onde, além de sugerir a publicação de autores como Bernard Lazare e de travar amizades com o romancista Hermann Broch e o poeta Randall Jarrell, acabou se tornando uma das responsáveis pela edição dos diários de Kafka, outro dos seus autores prediletos: oportunidade em que aproveitou para refletir sobre a obra do escritor no ensaio "Franz Kafka - Uma Reavaliação" (1944).

Tanto nos textos sobre Brecht e Dinesen como nesse ensaio sobre Kafka, Arendt nos transmite a impressão de que os bons escritores são aqueles com quem sentimos necessidade

de nos manter em diálogo; ainda que não tenhamos qualquer certeza de que eles estejam certos ou errados naquilo que propõem.

Pois, o que realmente devemos levar em conta ao optarmos por suas leituras é o fato de que, a partir da nossa reflexão sobre o que eles escreveram, nos tornamos cada vez mais aptos a expressar os nossos pensamentos.

Assim, não é por acaso que muitos dos autores prediletos de Arendt marquem presença em momentos distintos da sua obra. Kafka, por exemplo —além de ser o tema de "Uma Reavaliação"—, reaparece em outros dos seus textos, tal como "O Judeu Como Pária: uma Tradição Oculta" (1944), "A Quebra entre o Passado e o Futuro" (1961) e "A Vida do Espírito" (1977), a permitir com que ela elabore reflexões diversas sobre o papel da burocracia na sociedade moderna, a questão judaica e a temporalidade.

Um dos motivos pelos quais a relação de Arendt com a obra de Kafka aparenta ser tão longa e produtiva encontra explicação na própria maneira como ela caracteriza a escrita do autor.

Em "Uma Reavaliação", Arendt sugere que [o texto de Kafka representa uma espécie de modelo estrutural](#) de expressão da realidade, como a planta de um imóvel, que precisamos conhecer para prever a sua solidez.

Segundo a autora, a sensação de irrealidade que experimentamos a partir da leitura das obras de Kafka como "O Processo" (1925) e "O Castelo" (1926), dá-se pelo fato de que, muito mais do que simplesmente evocar os nossos sentidos, estes romances são, em verdade, frutos de uma experiência de pensamento que expõe —da mesma maneira que o projeto de uma casa— a mais precisa estrutura dos acontecimentos:

"É claro que, comparado a uma casa real, um projeto é muito irreal; mas, sem ele, a casa não existiria, e ninguém conseguiria identificar os alicerces e as estruturas que lhe permitem ser uma casa de verdade [...]. Os projetos só são compreendidos por quem se dispõe e consegue entender com a imaginação as intenções dos arquitetos e a aparência que terá o imóvel".

Ao comentar sobre a infernal máquina burocrática descrita por Kafka em "O Processo", Arendt chama atenção para o fato de que, em momento algum, o autor aparentou alimentar a pretensão de que a sua criação literária devesse ser compreendida como uma verdade profética.

Assim, Arendt esclarece que tudo aquilo que percebemos na obra de Kafka como sendo uma espécie de revelação, nada mais é do que um reflexo da inegável perspicácia do autor, ao desenvolver uma análise densa e precisa sobre aquelas estruturas que vieram à tona a partir de algumas das [mais terríveis experiências políticas do século 20](#); algumas das quais, Arendt comenta, foram até mesmo capazes de superar os próprios absurdos imaginados por Kafka:

"A geração dos anos 1940, e sobretudo quem teve a duvidosa vantagem de viver sob o regime mais terrível já criado pela história, sabe que o terror de Kafka representa adequadamente a verdadeira natureza dessa coisa chamada burocracia —a substituição do governo pela administração e das leis por decretos arbitrários".

Ainda segundo Arendt, a obra de Kafka se insurge contra a mentalidade vigente na Europa do entreguerras, alertando-nos para a ameaça que certas ideias de cunho determinista representam à manutenção da dignidade do homem.